

***A capacidade para identificação cruzada\****

**Laura Mack Rates**

**IBPW/IWA**

A capacidade para a identificação cruzada é uma conquista do processo de amadurecimento. Para que esta capacidade seja garantida, houve necessidade de uma identificação anterior: a primária. Na identificação primária o bebê, com apoio da mãe, vive suas primeiras experiências identitárias. Neste sentido, os cuidados maternos suficientemente bons, garantem ao bebê a experiência de ser o seio. Esta é a forma mais primitiva e simples de se relacionar com o objeto e é base para a capacidade de comunicação (não-verbal inicialmente) e mutualidade que constituem a experiência de identificação cruzada, e na capacidade de ter empatia com o outro.

A passagem explicitada aqui é a passagem fundamental de ser o objeto (identificação primária) e fazer uso do objeto (identificação cruzada). Quando há falhas neste processo, o indivíduo permanece sem capacidade de usar objetos e não se relaciona com objetos objetivamente percebidos, permanece na identificação primária e apenas se comunica com objetos subjetivamente percebidos.

Ter clareza quanto este processo é fundamental para todos aqueles que praticam psicanálise, pois se um paciente vem ao consultório e ainda não tem capacidade para se relacionar com objetos objetivamente percebidos, o manejo daquele caso deverá ser diferente. Aqui fazemos adaptações e auxiliamos o paciente a não perceber precocemente nossa externalidade – viramos o objeto subjetivo que ele precisa por um determinado tempo. Aqui estamos falando de processos regressivos não instintuais como a regressão à dependência absoluta.

Na regressão à dependência absoluta o paciente se encontra congelado em momento anterior à experiência traumática. A tarefa do analista é se adaptar às necessidades do paciente para que, com ele, possa integrar esta experiência pela primeira vez e sentir raiva pela falha

---

\* Texto publicado originalmente no Blog do IBPW em 17 de setembro de 2021. Transcrição da fala de abertura da *live* “Identificação cruzada”, transmitida no YouTube pelo canal “Winnicott Urgente”, no dia 21 de agosto de 2021.

ambiental como uma falha externa a si-mesmo. A tarefa do analista será a de acompanhar o paciente na passagem da identificação primária (com toda a precariedade que o analista terá para fazer isto comparado à mãe) à identificação cruzada conquistando assim a capacidade de usar objetos, inclusive interpretações e toda a gama de relacionamentos com a realidade compartilhada.

1) O primeiro ponto que gostaria de evidenciar é que a identificação cruzada não pode ser “*taken for granted*”. A capacidade para a identificação cruzada com o outro é uma conquista do processo de amadurecimento. Para que esta capacidade seja garantida, houve necessidade de uma identificação anterior: a primária. Na identificação primária o bebê, com apoio da mãe, vive suas primeiras experiências identitárias. Neste sentido, os cuidados maternos suficientemente bons, garantem ao bebê a experiência de ser o seio. Esta é a forma mais primitiva e simples de se relacionar com o objeto e é base para a capacidade de comunicação (não-verbal inicialmente) e mutualidade que constituem a identificação cruzada. O exemplo mais explícito disto é quando o bebê introduz a mão na boca da mãe ao mamar.

2) é importante destacar também que a identificação cruzada é um conceito que nasce, assim como outros, a partir da observação clínica de Winnicott às necessidades maturacionais de seus pacientes. Winnicott, seguindo uma tradição Ferencziana, adapta a técnica psicanalítica para atender os chamados casos impossíveis. Os casos impossíveis seriam aqueles que não conseguiram integrar a experiência de identificação cruzada e permanecem nas relações com objetos subjetivos

A minha tentativa hoje será de costurar este conceito com o processo de amadurecimento saudável e patológico aliados aos processos clínicos que aparecem nos casos de uma incapacidade de chegar à identificação cruzada.

A compreensão da identificação cruzada se revela, portanto, um potente auxiliar ao processo terapêutico para todos nós, seja ente as quatro paredes do consultório ou além delas em todas as facetas terapêuticas que podemos exercer como facilitadores maturacionais em outros settings.